

# A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ABORDAGEM DESDE A TEORIA DE W. REICH

Adolfo Ramos Lamar<sup>1</sup>  
João Altair Soares dos Santos<sup>2</sup>  
Simone Adriana Oelke<sup>3</sup>  
Gerson Raiter<sup>4</sup>

## RESUMO

O professor de Educação Física deve estar atento às etapas do desenvolvimento integral do educando. Ele tem grande importância no processo de ensino-aprendizagem, pois a mesma está intimamente ligada aos aspectos afetivos com a motricidade, com o simbólico e o cognitivo. O trabalho tem como objetivo analisar a Educação Física Escolar partindo de W. Reich que defende a educação social da criança e visa uma educação para trabalhar a profilaxia da neurose. A teoria de Wilhelm Reich ajuda a refletir como a formação do professor de educação física, pode possibilitar a criança um desenvolvimento psicobiológico e cultural saudável.

**Palavras-chave:** *Educação Física escolar, Educação Infantil, W. Reich.*

## Introdução

Segundo o documento publicado pela UNESCO (2009) intitulado: O Professor do Brasil: impasses e desafios, o curso que mais cresceu em número de matrículas nos últimos anos foi o de Educação Física. Isso pode ser resultado do fato de que os estudantes percebem perspectivas de trabalho mais amplas que os outros cursos lhes ofereçam, embora que a maior concentração de matrículas ainda seja para a área de licenciatura - de formação de professor de educação física.

A formação dos professores de Educação Física em muito tem como viés o paradigma cartesiano, com uma predisposição em abordar termos vinculados ao desenvolvimento das qualidades físicas, tais como: velocidade, resistência, impulsão, ou seja, estão direcionados para os aspectos meramente quantitativos e menos no que se refere a domínios qualitativos.

Perante estes aspectos, Sérgio (1989) escreve que fragmentar o ser humano – biológico, social, cognitivo, corpo e alma, não faz sentido, pois o humano é um ser

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia – Licenciatura (Universidade La Habana), Mestre em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP – SP), Doutor em Educação (UNICAMP – SP), Pós Doutor (USP – SP), professor do Mestrado em Educação e pesquisador da Universidade Regional de Blumenau - FURB - SC. E-mail: ajemabra@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia – Licenciatura (UNIFEB – SC), Especialista em Ciências Sociais: História e Geografia do Brasil (FCLPAA – SP), Mestre em Educação (FURB – SC), Professor da rede Municipal de Pomerode – SC. E-mail: jaltair@bol.com.br.

<sup>3</sup> Graduada em Educação Física – Bacharelado (UDESC – SC), Especialista em Atividades Aquáticas (UDESC – SC), Especialista em Aprendizagem Motora (USP-SP), Mestre em Ciências do Movimento Humano (UDESC – SC), professora adjunta no curso de Educação Física da Faculdade Jangada, Jaraguá do Sul - SC. E-mail: simone.oelke@terra.com.br.

<sup>4</sup> Graduado em Educação Física – Licenciatura Plena (FURB – SC), Especialista em Educação Física Escolar (UFG – RJ), Mestrando em Educação (FURB – SC), professor de Educação Física do SENAI/ Blumenau - SC. E-mail: gerson.raiter@terra.com.br.

complexo, que tem de ser visto como um todo e não pela soma das suas partes, não podemos olhar só para o físico, esquecendo o biológico, o psicológico, o social e o cultural.

Segundo Lapierre (2002) a interação do físico e do social, é um processo do desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano. É um processo complexo pelo fato, de agir nas memórias que estão arquivadas no inconsciente no ser humano, nos sentimentos e na forma de pensar.

Barreto (2010) considera que a Educação Física é um instrumento importante para prevenção e intervenção no processo de aprendizagem escolar, pois atua sobre o intelecto, numa relação entre pensamento e ação, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas. Além disso, possui uma dupla finalidade: assegurar o desenvolvimento funcional, tendo em conta as possibilidades do educado, e ajudar sua afetividade a se expandir e equilibrar-se, através do intercâmbio com o ambiente humano.

Para tanto, o professor de educação física, deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento integral do educando, colocando-se na posição de mediador da aprendizagem. Diante disso, percebe-se a importância do trabalho da educação física escolar no processo de ensino-aprendizagem, pois a mesma está intimamente ligada aos aspectos afetivos, e a sua relação com a motricidade, com o simbólico e o cognitivo.

O presente trabalho tem como objetivo desencadear um diálogo com a colaboração de teoria Wilhelm Reich para a Educação Física escolar. Esta abordagem surgiu da necessidade de redimensionamento e aprofundamento teórico sobre educação social da criança e indagar sobre teorias que possam educar as crianças por meio de uma educação que vise à profilaxia da neurose. Assim, buscou-se a teoria de Wilhelm Reich, como suporte metodológico para refletir como a formação do professor de educação física, pode possibilitar a criança um desenvolvimento psicobiológico e cultural saudável, tendo grande chance de tornar-se um adulto como diria Freire (1998) autônomo.

## **Desdobramentos da teoria reichiana para a Educação Infantil**

Wilhelm Reich, médico e psicanalista faleceu em 1957 aos 60 anos de idade, vítima de infarto cardiovascular. Nasceu no ano de 1897, na Galícia, região do Império Austro-Húngaro, atual região da Polônia. Foi um dos estudantes mais promissores de Freud, tanto que se tornou membro honorário da Sociedade Psicanalista de Viena, antes de terminar o curso de medicina (REICH, 1996). Em 1922 foi indicado para ser o primeiro assistente de Freud. Reich tornou-se um analista talentoso, e coordenou o Seminário sobre técnicas psicanalistas da clínica de Viena, de 1920 a 1934 - período que permaneceu vinculado oficialmente à IPA (Associação Psicanalítica Internacional). A clínica tinha objetivo de atender pessoas que não podiam pagar por um tratamento psicanalítico convencional, portanto, a demanda tornou-se enorme.

Na percepção de Reich isso demonstrava que a neurose era uma doença da massa, uma *epidemia* que precisaria ser tratada além dos limites da psicanálise ou, como ele mesmo dizia, requeria uma terapia para aplicação em massa. Esta experiência resultou na elaboração de sua teoria da economia sexual, que estuda a origem social das doenças biopsíquicas e sua perversão, denominada de *profilaxia das neuroses*.

Reich compreendia que o ser humano, como ser social, participa da totalidade da organização da sociedade, não podendo ser entendido isolado deste contexto mais global, pois enquanto aspecto dessa totalidade, o humano se faz e refaz articuladamente no interior das relações sociais - nunca esquecendo que sua origem é natural, e obedece as leis da matéria. Ora, sendo um elemento da totalidade, tem que considerá-la historicamente

determinada pelas várias facetas que envolvem a sociedade, principalmente o modo de produção.

Reich foi influenciado tanto pela teoria marxista como pela psicanálise freudiana. Estas duas teorias lhe possibilitaram compreender que o processo da construção social, não pode ser compreendido apenas como um reflexo das relações subjetivas (REICH, 1995). A sociedade é consequência da construção coletiva humana, intersubjetiva e histórica.

Segundo Reich (1988a, p. 17) “os seres humanos, estão duplamente sujeitos às condições de sua existência: de um modo direto, pelos efeitos imediatos da sua situação socioeconômica, e, indiretamente pela estrutura ideológica da sociedade”. A ideologia social é um instrumento reestruturador da psique humana, que penetra nos músculos, nos ossos, nas células; moldando o jeito de ser do indivíduo, tendo como categoria o tempo, pois a implantação de uma ideologia não ocorre imediatamente, leva gerações para se concretizar. Uma vez internalizada, se materializa na ação humana, que a naturaliza sobre a forma de caráter para que uma determinada sociedade possa continuar funcionando.

Reich (1975, p. 50) escreve que,

o modo como um sistema social se reproduz estruturalmente nos homens só pode ser captado concretamente, teoricamente e praticamente, se puser a claro o modo como funcionam as instituições, as ideologias, as formas de vida social, etc.

Desta forma, compreende que a ideologia é um instrumento utilizado para reduzir o sujeito a objeto, programando as expressões do indivíduo para produzir exatamente aqueles desejos que o sistema social pode satisfazer, nada, além disso. Portanto, a fala, a expressão, a linguagem, a atitude, o comportamento, o corpo, a postura física, são comportamentos esperados dentro de um padrão socialmente pré-estabelecido.

O humano como ser histórico encontra-se, por um lado, determinado pelo desenvolvimento filogenético, por outro, ontogeneticamente é construído a partir das suas relações sociais de maneira consciente e inconsciente. Estas relações são necessárias para produzir os bens materiais e simbólicos essenciais às satisfações das necessidades de uma coletividade, produzindo a si próprios e a sua vida social, “deste modo, as condições biológicas e as condições sociais da vida, cruzam-se na mente” (REICH, 1988b, p. 25), resultando na existência total do ser humano.

Reich (1988b) entende que mesmo o ser humano sendo moldado pela estrutura social em que está inscrito, ele não é uma folha de papel em branco, ao contrário, o ser humano possui na sua estrutura biopsíquica um primeiro nível denominado por *cerne biológico*, que significa que a natureza humana é essencialmente feliz, cooperativa, livre e amorosa. Mas quando os processos históricos reprimem esta dimensão, o ser humano tende a produzir reações biopsíquicas, para se defender, denominadas de couraça. Este é um dos pilares da extensa pesquisa de Reich, segundo ele, a existência humana é determinada por manifestações regidas pelos arranjos sociais historicamente construídos, responsáveis pela qualidade biopsíquica do humano.

No processo de desenvolvimento histórico da humanidade, as relações sociais assumiram as mais diversas formas. As sociedades estruturadas no sistema capitalista levam a uma radical fragmentação do ser humano, interferindo no interior de seu processo produtivo e criativo alterando profundamente sua qualidade biopsíquica. Isso ocorre graças à velocidade com que os produtos são manufaturados, aumentando os apelos para o consumo e frenéticas mudanças nas relações de trabalho, a destruição do ecossistema para a produção de utensílios em longa escala gerando modificações planetárias e o alto índice

de ansiedade e frustrações, que por sua vez, desencadeiam várias patologias sociais; podendo gerar pessoas submissas ideologicamente, incapazes da crítica.

Para Reich (1988b) a família é uma *fábrica de produção de estrutura ideológica* que através da transmissão aos filhos de atitudes e comportamentos morais tem como papel moldar o indivíduo biopsíquico, a fim de inseri-lo na matriz social e cultural. Os membros da família cumprem esta missão, uma vez que o caráter da maioria dos membros familiares é expressão do caráter social. Por um lado, a criança resiste a estas exigências como um meio de manter sua natureza básica, por outro, acaba aceitando ser condicionada a fim de garantir o amor e a aprovação dos pais.

Sampaio (2007) escreve que a educação na concepção de Reich não surge de uma necessidade interior do indivíduo, mas de determinação exterior imposta a ele pela sociedade, por meio daqueles que o educam. Torna-se necessário esclarecer aqui, que a questão educacional em Reich, não teve um tratamento específico, isto é, uma obra exclusiva, devendo ser compreendida no conjunto de sua vasta obra que se inicia na metade da década de 1920: *O Caráter Impulsivo* (1925); *Os Pais como Educadores: a compulsão a educar e suas causas* (1926); e *Crianças do Futuro* (1949). Pelo fato de Reich não se designar professor ou pedagogo, mas médico, sua concepção de educação se apresenta como sendo um processo recíproco, uma ação espontânea, não metódica e assistemática de ensino-aprendizagem entre duas ou mais pessoas. Esta concepção de educação é pensada também por Libâneo (1990, p. 26) quando escreve que “há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. Além da família, a educação ocorre nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, nas ruas”.

A partir desta perspectiva de educação, define-se o termo educador neste trabalho como sendo compreendido dentro de um significado mais amplo, relacionando-o não somente ao professor, mas todos os sujeitos envolvidos no desenvolvimento do indivíduo, principalmente os sujeitos que têm função de pais, que são os primeiros a estabelecer os objetivos da educação das crianças, perpetuando seus preconceitos e concepções pessoais sobre o mundo e a vida, assegurando a convivência pessoal e contribuindo para a formação e manutenção do caráter social. Estes conceitos de educação e de educador devem ser tomados como pressuposto ao longo deste texto.

Reich (1925) quando escreveu *Caráter Compulsivo*, estava convencido de que a adaptação cultural da criança resultaria numa saúde biopsíquica; vinte e cinco anos depois mudaria de pensamento<sup>5</sup>, quando escreveu o livro *Crianças do Futuro*. Nesta obra, defende a impossibilidade da adaptação cultural às crianças, sobretudo tendo em vista que esta mesma cultura vinha sofrendo um processo de desintegração há mais de 35 anos. O autor questiona: “Será que as crianças deveriam se adaptar a este tempo de guerra, genocídio, tirania e deterioração moral?” (REICH, 1983, p. 6).

Segundo Eva Reich (1998), entre a década de 1940 e 1950, Reich investiu no conhecimento da natureza do indivíduo, destacando o núcleo da estrutura biopsíquica, como sendo a verdadeira força vital capaz de promover mudanças sem, contudo, perder de vista seu propósito, como evitar o encorajamento rígido nas pessoas desde o nascimento, ou seja, a profilaxia das neuroses. Apesar dos 37 anos que Reich preocupou-se em como prevenir as neuroses, parece que foi em 1942, com o nascimento, de seu filho Ernst Peter, que apareceu um interesse mais intenso pela natureza do recém-nascido - o qual vai ser o centro das suas preocupações científicas.

---

<sup>5</sup> Nesta época Reich estava morando nos Estados Unidos

Em 1949, Reich funda o *Centro de Pesquisa da Primeira Infância* (OIRC), em Nova Iorque, o qual foi projetado ao longo de toda a década de quarenta, com o propósito de ser uma organização exclusivamente de pesquisa restrita ao recém-nascido. A meta era o estudo da criança saudável, focalizando toda a trajetória da criança, que se inicia com a concepção até a idade de cinco a seis anos<sup>6</sup>. Reich dividiu este período em quatro grupos de trabalho: o primeiro grupo, voltado para os cuidados pré-natais de gestantes saudáveis, o segundo grupo supervisionaria do parto até os primeiros dias do recém-nascido, o terceiro grupo cuidaria da prevenção do encorajamento durante os cinco ou seis anos de idade e por último, o quarto grupo, que estudaria o desenvolvimento posterior da criança além da puberdade.

Cabe ainda destacar que, embora tenha enfatizado antes em sua obra a importância do desenvolvimento e dos primeiros anos de vida da criança na instauração das neuroses, é nessa época que Reich entenderá que a estrutura de caráter guiará o destino da espécie humana, que o futuro está nas mãos e nos corações da criança do futuro, por ele definida como gentil, amável, natural e alegremente generosa (SANTOS 2008).

A perspectiva em relação à educação enfatizará, entre outras coisas, que as distorções estruturais do caráter do educador são transmitidas automaticamente para cada geração recém-nascida.

Não temos o direito de dizer às crianças como construir seu futuro, já que nos mostramos incapazes de construir o nosso próprio presente. O que podemos fazer, no entanto, é dizer às nossas crianças exatamente onde e como falhamos, além de removermos os obstáculos no caminho da construção de um mundo novo e melhor para elas (REICH, 1983, p. 6-7).

Seria possível, portanto, auxiliar o desenvolvimento da autoconfiança, experiências prazerosas e controle da couraça sem transformar seu comportamento em algo crônico, usufruindo de uma melhor regulação de sua existência. Foi por meio da prática clínica que Reich se certificou de que a flexibilização da couraça, possibilita autorregulação dos impulsos naturais.

Ao considerar a autorregulação como algo possível universalmente, essa passa a ser um dos fundamentos básicos da sua teoria. Portanto, se num primeiro momento a terapia deveria restaurar a capacidade de autorregulação, sobretudo no adulto, num segundo momento (atrelada aos desígnios da educação), a autorregulação deveria ser preservada, razão pela qual Reich enaltece o papel da criança, em especial do recém-nascido, na conquista de seu propósito profilático.

Considerando que a autorregulação é inerente à estrutura biopsíquica da criança, o autor destaca que as crianças deveriam ter um desenvolvimento natural, e os educadores deveriam deixá-las viver conforme a sua natureza, se preciso mudando as instituições.

Reich escreve acerca das constatações que fez, sobre a educação:

Os recém-nascidos tinham suas pernas enfaixadas e esticadas para não ficarem tortas e suas mãos amarradas para que não tocassem os genitais ou chupassem o dedo; eram alimentados em horas pré-programadas; ficavam de braços no travesseiro sem contato com o mundo ou com o organismo materno e impedidos de realizar qualquer movimento, por faixas e cueiros que comprometessem o crescimento, a respiração livre, suprimindo o choro, os gritos, interferindo nos movimentos intestinais e sexuais, certamente provocando danos pós-natais irreparáveis para a sua autorregulação (REICH, 1983, p. 10).

---

<sup>6</sup> “Esta idade em que a formação da estrutura básica da criança se completa” (REICH, 1983).

Mais do que a hostilidade dos educadores em relação às crianças, tais medidas demonstram um total desconhecimento sobre o desenvolvimento infantil, realçando a necessidade de preservação da autorregulação. Os sujeitos com caráter neurótico não reconhecem que todo recém-nascido tem sua própria individualidade, seu próprio tom emocional, anseia por vivacidade e contato com tudo que o cerca, inclusive educadores. As crianças não podem ser apenas produtos de um mundo de homens endurecidos e embrutecidos que temem o vivo e tratam-nas de maneira falsa e inflexível, levando-as a voltarem-se para dentro de si, tornando-as retraídas, apáticas e estranhas, quando a sua natureza não corresponde a esse comportamento.

Matthiesen (2005) menciona que, ainda que Reich defendesse a realização de uma propaganda em prol das funções naturais do recém-nascido e contra a imposição ditatorial que apenas contribui para a formação de uma nova geração de tipos neuróticos, isso, contudo, não dependia apenas da modificação dos métodos educativos, mas era preciso que a criança estivesse emocionalmente preparada para absorvê-la. Ou seja, se uma criança autorregulada fosse transplantada repentinamente para um meio ambiente disciplinador, ficaria desorientada, correndo o risco de adoecer, enquanto uma criança educada de maneira disciplinar, se transplantada para um ambiente autorregulador, perderia o equilíbrio ao entrar em contato com seu cerne biológico (REICH, 1983). Pois a autorregulação se baseia totalmente na estrutura biopsíquica do recém-nascido.

Para Reich, se o educador possibilitar que criança desenvolva naturalmente o seu cerne biológico, sem que o educador deturpe suas necessidades básicas, a criança estaria livre dos impulsos secundários e, conseqüentemente, estaria constituindo um perfil de caráter genital. Mas o autoritarismo cria os impulsos secundários ao reprimir moralmente as necessidades naturais, gerando a criança *dócil* (que está de acordo com o moralismo autoritário). Porém, abaixo da docilidade aparente, reside um potencial comportamento agressivo, o qual deve ser reprimido, desencadeando um círculo vicioso; esse processo funciona completamente diferente dos princípios da autorregulação, pois é mantido pela ação direta de uma força externa e não pelo livre fluxo natural e interno.

Considerando o que já foi escrito anteriormente sobre caráter, autorregulação e educação natural, seria possível uma profilaxia da neurose:

Nenhuma patologia é inerente ao ser humano. O ser humano tem em si a possibilidade de ser saudável, desde que as condições do meio ambiente propiciem essa saúde. Sendo assim, podemos dizer que a profilaxia é fundamental para a transformação da nossa sociedade (VOLPI; PAULA, 2008, p. 04).

Portanto, uma educação preventiva teria como função manter o funcionamento biopsíquico da criança livre de qualquer excesso de tensão, pois o restante aconteceria por si. Reich (1983, p. 27) enfatiza que,

o que determina se uma criança é ou não saudável não é a ausência de doenças, mas a capacidade de atravessar momentos difíceis sem ficar presa a uma situação biopática aguda por toda a vida, em outras palavras, é a habilidade que seu organismo tem para ultrapassar a doença e sair dela sem danos.

Criar crianças saudáveis, na concepção de Reich, não é algo simples nem fácil, sobretudo quando os seus interesses vêm em segundo plano em relação aos da sociedade e aos de homens encouraçados que consideram que a autorregulação deva ser restringida, ou seja, para Reich, o conflito entre o livre movimento das forças autorreguladoras e as forças

compulsivas das instituições encouraçadas é permanente, apesar destas procurarem disfarçar a ira contra as crianças de diferentes formas. Mas, certo de que haveria um período de transição, para que as crianças, com apoio dos educadores tivessem reconhecidos e dominados seus primeiros sinais de encouraçamento, Reich registra a esperança de que destas crianças surjam novas gerações que façam o mesmo trabalho, de maneira melhor e mais segura.

Os encouraçamentos parecem inevitáveis, menciona Costa (1984), já que a criança nasce com um sistema biopsíquico plástico, ou seja, é vulnerável ao moralismo, uma vez que este se encontra em constante grau de persistência, até fixar-se. A fim de amenizar os danos, o educador teria como função perceber as couraças da criança e estabelecer medidas para preveni-la de encouraçamentos crônicos, além de auxiliar em seus conflitos com os seres humanos encouraçados.

Conforme Mattiesen (2005) um primeiro passo seria o reconhecimento do problema, de modo a não agir de forma maldosa em relação à criança ou por meio de uma atitude crônica e eternamente gentil de nunca levantar a voz - própria dos chamados educadores modernos - que também prejudicam a criança, sobretudo por condenarem qualquer expressão de agressividade saudável e, portanto, natural. Para, além disso, a própria criança é quem deveria reconhecer e aceitar a natureza que há dentro de si, de modo a harmonizar-se com a sua constituição natural e com a natureza a sua volta.

Um educador deveria ver a criança como um organismo vivo, modelando seu ambiente de acordo com suas necessidades vitais e não como uma máquina, um sujeito do Estado ou adepto de determinada religião, o que é feito comumente. Na menção de Reich (1983, p.5) “o destino da raça humana dependerá das estruturas de caráter das Crianças do Futuro, em suas mãos e em seus corações repousarão as grandes decisões. Elas terão de colocar em ordem a confusão deste século XX”. Esta perspectiva se apresenta como sendo de fundamental importância para pensar também o início do século XXI.

Na década de 1920 quando ainda estava no movimento da psicanálise e no partido socialista, Reich realizou várias viagens para União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde conheceu o trabalho pedagógico da psicanalista Vera Schmidt, que vinha construindo na escola uma metodologia pedagógica. Desta forma, Reich teve a primeira experiência prática de uma educação coletiva fundamentada na prevenção da neurose e na autorregulação, cujo objetivo era facilitar as possibilidades de sublimação adequadas a cada fase de desenvolvimento da criança. Reich e Schmidt (1980) desenvolveram alguns princípios fundamentais:

- Todo o meio ambiente da criança deve ser adaptado a sua idade e as suas necessidades, com o objetivo de estimular sua criatividade, quando as necessidades da criança mudavam, os jogos e organização espacial do ambiente eram modificados;
- Os educadores eram instruídos a não aplicarem qualquer castigo. Foram instruídas a nem mesmo falar em tom severo com as crianças. Tinham que abster-se de qualquer juízo subjetivo sobre as crianças. Isso eliminava as frustrações impostas pela educação autoritária, pois a criança exposta excessivamente a frustrações desnecessárias pode comprometer sua auto segurança e desenvolver uma visão negativa das relações sociais e da vida;
- Elogio e Crítica eram considerados manifestações de juízo incompreensíveis para as crianças. O que era julgado era o resultado do objetivo da ação, e não a própria criança. O educador muitas vezes preocupado com o sucesso da criança elogia o resultado culturalmente positivo e critica severamente os resultados negativos; esquecendo de que

mais importante é a criança e não sua ação. Desse modo, favorece o fazer, o ter sucesso, esquecendo muitas vezes de dizer quanto é maravilhoso o fato de ela existir;

- Explicava-se racionalmente às crianças o que e por que se exigia delas alguma coisa, eliminando a ordem autoritária. Proibições de qualquer natureza, por parte dos educadores, eram rigorosamente excluídas, pois educadores têm muitas vezes como base os ideais educacionais como *bom comportamento* e forçam a criança a ajustar-se às exigências e regras, cujos efeitos limitam a independência, a motilidade, o prazer e o desenvolvimento geral do sujeito; desperdiçando muito tempo com proibições e repressão;

- O educador tem de trabalhar a si próprio. Constatou-se invariavelmente que, inquietação ou desordem nas crianças era conseqüência de um comportamento neurótico inconsciente dos educadores. O educador com perfil compulsivo tem necessidade de ter controle sobre os seus educandos, sentindo-se vítima quando os mesmos não correspondem, por exemplo: quando a criança não fica quieta na frente dos mais velhos, não dá bom dia, não lava as mãos, não faz silêncio, entre outros;

### Considerações finais

Uma educação natural da criança é impossível enquanto os educadores não estiverem livres de impulsos irracionais, ou pelo menos que tenham consciência. Para criar novas bases para a educação torna-se imprescindível pensar na saúde biopsíquica do educador, a Educação física tem um papel importante na realização de um trabalho de prevenção de uma educação natural, o que exige uma formação de educador com o objetivo de preparar estes para trabalhar educação emancipatória. Tarefa esta de longo prazo, pois conforme escreve Tardif (2002), o conhecimento dos educadores está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as relações sociais, culturais e econômicas.

Reich considerava esses princípios fundamentais para eliminar ou amenizar o princípio autoritário da educação, pois à criança se dá a oportunidade de desenvolver sua capacidade de amor próprio e o sentimento de independência. A este propósito as crianças que se enquadram mais facilmente às necessidades da vida são aquelas que não são guiadas, mas que são senhoras de si, autônomas.

Desta forma a teoria de Reich tem um desdobramento pertinente para refletir sobre a formação do professor de Educação Física, pelo fato de que ela não está ausente da sociedade, é uma instituição constituída de sujeitos, que estão inseridos num dado contexto histórico. E a relação social estabelecida entre os membros da comunidade escolar está relacionada diretamente ao sistema cultural-econômico e político. Como menciona Reich, cada sociedade cria a estrutura de pessoas para viver nela. Cabe a educação romper com esta estrutura opressora em que vivemos atualmente.

### Referências Bibliográficas

BARRETO, S. J. **O lugar do corpo na universidade**. Blumenau/SC: Acadêmica, 2010.

COSTA, R. A. **Sobre Reich, sexualidade e emoção**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.



LAPIERRE, A. **Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação**. Curitiba: UFPR, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MATTHIESEN, S. Q. **A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual**. São Paulo: UNESP, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

REICH, E. **Energia vital pela bionergetica suave**. São Paulo: Summus, 1998.

REICH, W.; SCHMIDT, V. **Psicoanálisis y educación 1**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 1980 (Cuadernos Anagrama)

REICH, W. **O combate sexual da juventude**. Porto: Dinalivro, 1975.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milano: Sugarco, 1983.

REICH, W. **Irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.

REICH, W. **Psicologia de massa do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

REICH, W. **Análise de caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, W. **Paixão de juventude: uma autobiografia, 1897-1922**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SAMPAIO, Z. **Educação e liberdade em Wilhelm Reich**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTOS, J. A. S. **Contribuição de Wilhelm Reich para a educação: visando a profilaxia da neurose**. 2008.71 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008.

SERGIO, M. **Educação Física ou ciência da motricidade humana**. Campinas: Papirus, 1989.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VOLPI, J. H.; PAULA, M. B. **A importância das relações de amor nas primeiras etapas do desenvolvimento infantil**. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br/artigos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm)>. Acesso em: 12/01/2008.